

HISTÓRIA E MEMÓRIA: A CONSTRUÇÃO DO MITO ISABEL VALENÇA, A CHICA DA SILVA DO GRES ACADÊMICOS DO SALGUEIRO PELA IMPRENSA CARIOCA

Guilherme José Motta Faria ¹
(Universidade Federal Fluminense)

RESUMO: A trajetória de Isabel Valença, popularizada no carnaval como “Chica da Silva” nos permite perceber a importância da relação estabelecida entre a cultura e a mídia, para o debate sobre gênero e raça nos anos 1960\70. Utilizando jornais, entrevistas com antigos sambistas e livros de jornalistas e pesquisadores desenvolvi as bases deste artigo. Representando uma escrava no período colonial, Isabel sintetizou a força de superação das mulheres, se tornando um exemplo a ser seguido. A imprensa ajudou a construir o mito e até os dias atuais continua a reverenciar essa personagem no cenário cultural do Rio de Janeiro.

Palavras-Chave: Carnaval, mídia, escolas de samba, memória, questão social, gênero.

ABSTRACT: The path of Isabel Valença, made popular in the carnival as “Chica da Silva”, allows us to perceive the importance of the relationship established between culture and media for the debate about genre and race in the years 1960/70. By making use of newspapers, interviews with late sambistas, and books written by journalists and researchers, I have established the grounds for this article. Playing the role of a slave from the colonial period, Isabel was able to concentrate women’s strength and ability to overcome, becoming an example to be followed. The press helped to build the myth and, to this day, continues to revere this character in the cultural scenery of Rio de Janeiro.

Key-words: Carnaval, Media, Schools of Samba, Memory, Social Issues, Genre

O papel de destaque das mulheres do Salgueiro

Os papéis desempenhado pelas mulheres, tanto nos desfiles, quanto no cotidiano do ciclo anual carnavalesco do GRES Salgueiro sempre foram relevantes. Por sua atuação as mulheres salgueirenses despertaram o interesse da imprensa e a resposta calorosa do público. Isabel Valença, As Irmãs Marinho, Paula, Narcisa e Mercedes Batista foram figuras destacadas na história da agremiação e era grande a expectativa de suas performances quando a escola despontava na avenida.

O recorte temporal deste artigo está centrado nos anos 1960 onde a escola do bairro da Tijuca se tornou uma potência, entre as demais agremiações do carnaval carioca. São vários os exemplos da presença marcantes dessas mulheres neste período. Elas fizeram história nos desfiles e a repercussão de suas apresentações ganhou a imprensa nacional e

internacional, garantindo a essas mulheres um *status* diferenciado dos demais sambistas do Salgueiro.

Entre elas, uma conquistou um espaço maior na memória dos antigos integrantes e, sobretudo, na imprensa, não só por sua presença exuberante nos desfiles, mas também por representar um símbolo de quebra de barreiras e preconceitos sociais. Isabel Valença, aclamada no carnaval carioca como a eterna *Chica da Silva* se perpetuou no seletivo grupo de agentes sociais que transcenderam o espaço do noticiário anual, sendo içada ao posto de ícone do carnaval carioca.

Utilizei como linha central deste artigo os trabalhos dos jornalistas Haroldo Costa, *Salgueiro: Academia de Samba* (1984) e o texto de Julio Cezar Barros para o site da Revista *Veja* (2010), vários trechos de entrevistas que realizei com antigos sambistas e profissionais do Salgueiro, assim como matérias do *Jornal do Brasil* em sua cobertura dos desfiles das Escolas de Samba na década de 1960.

Típica história de transformação de realidade social, pela via da cultura o caso exemplar de Isabel Valença permite vislumbrar a importância da relação estabelecida entre a cultura carnavalesca e a imprensa, trazendo para o centro do debate questões como gênero, raça e comportamento feminino, num período de tantas “revoluções” no qual a sociedade mundial estava passando. Do universo carnavalesco, a partir da representação de uma personagem negra, com uma história pouco conhecida, Isabel sintetizou a força e a superação das mulheres, representando um exemplo para as demais mulheres cariocas, negras e da periferia da cidade. Os jornais, revistas e Emissoras de Rádio e TV ajudaram a construir o mito e ainda continuam a reverenciar essa personagem no cenário cultural da cidade do Rio de Janeiro.

A década de 1960 e os novos temas na Avenida

Os anos 1960 apresentam um quadro intenso de grandes transformações políticas e culturais no Brasil. Os desfiles das agremiações do Rio de Janeiro ² também estavam inseridos nesse processo. Essas transformações, sobretudo, quando se tratam de manifestações culturais revelam os embates, as lutas e disputas por espaços políticos e sociais de agentes diversos. Aos grupos formadores das primeiras escolas de samba no final

dos anos 1920 novos elementos foram sendo incorporados, ampliando as possibilidades estéticas e temáticas dos desfiles.

A década de 1960 apresentou um quadro de transformações sociais e neste período o desfile das escolas de samba passou a se constituir no grande evento do carnaval carioca. Os enredos apresentados passaram a ser ampliados e ganharam espaços consideráveis na imprensa. Em alguns casos, histórias, sobretudo, retratando personagens negros que a História brasileira pouco referenciava, tornaram possível revelar para o grande público, exemplos de resistência, ousadia e criatividade.

No ambiente do carnaval carioca vivia-se uma dualidade, de um lado buscava-se representar na avenida os símbolos, oriundos de valores que vinham sendo “pregados” pelo Estado, por outro lado, algumas agremiações demonstravam um desejo de ampliar o leque de discussões e questionar a própria ascensão social por parte dos sambistas. Na maioria dos relatos dos pesquisadores³, o Salgueiro “revolucionou” a ideologia e a estética dos enredos abrindo novo campo de discussões acerca da História brasileira e sua interpretação.

O discurso adotado pela escola em relação às representações da africanidade e do papel de importância das personagens femininas permitiu que, pela via carnavalesca, pudesse ser apresentada uma “abordagem nova”, mais próxima da humanização dos personagens históricos, sobretudo, os de origem popular, numa nova forma de contar a história brasileira.

Em 1963, a temática africana é consolidada com o campeonato conquistado pelo Salgueiro com o enredo *Chica da Silva*, de Arlindo Rodrigues, discípulo de Fernando Pamplona. O desfile resgatou a vida da escrava que ascendeu socialmente ao se casar com o contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira, subvertendo a lógica social da época com sua presença nos salões da fidalguia mineira. A figura heróica negra nesse enredo ficou estabelecida na sua atitude "mais próxima da malandragem, pois que opera não no confronto aberto, mas pelo aproveitamento de brechas no sistema dominante" (CAVALCANTI, 1999, p. 37).

Com efeito, tanto em 1963, com *Chica da Silva*, em 1965 numa homenagem a Eneida e sua obra *História do Carnaval Carioca* ou em 1968 com *Dona Beija – a Feiticeira de Araxá*, dando bastante ênfase e espaço para as figuras femininas, o Salgueiro, nas palavras de Gustavo Melo pareceu estar caminhando no sentido de destacar as mulheres que encarnavam em si o ideal de liberdade e de autonomia.

A breve descrição dos enredos ilustra como o perfil do negro foi elaborado pela equipe de Fernando Pamplona no Salgueiro. A imagem heróica, exaltando valores sedimentados durante o período da escravização dos negros e sua presença no Brasil, fez emergir o sentimento de orgulho da raça. Criou-se o estereótipo do lutador, forte e transgressor. Conforme idealizava Fernando Pamplona, o Salgueiro levava uma mensagem baseada, sobretudo, nas ações em prol da liberdade. Vale ressaltar que a temática negra foi um dos pontos fortes dos enredos apresentados pela escola tijucana, dentro de uma proposta maior de ser identificada como "diferente", ao fazer emergir, dos livros de história restritos ao conhecimento de poucos, personagens "marginais" cuja trajetória se apresentava como interessante fonte narrativa.⁴

O carnaval de 1968 pareceu ser emblemático neste sentido. O enredo destacando uma personagem “desconhecida” do grande público trouxe para a avenida uma homenagem a uma mulher que venceu as barreiras e tabus do período e com seu jogo de sedução conseguiu manter uma situação de privilégios e poder. *Ana Jacinta* e *Chica da Silva* se inseriam no rol das personagens que conseguiram transcender as limitações sociais e reverter o quadro de possibilidades de atuação na vida da comunidade que pertenciam.

Seria essa também uma postura militante? Exaltar personagens negros, mulheres, comunidades esquecidas pela história, era uma estratégia de “luta”, da imposição de uma cultura vinda de baixo? De fato, algumas das mulheres que encarnando essas personagens ou criando personas carnavalescas para si, criaram uma identidade de força e beleza, que se tornaram marcas das mulheres no Salgueiro.

De uma maneira geral a década de 1960, com sua ebulição política e cultural representaram a realização de projetos alternativos, tanto no campo da cultura, quanto na expansão de ideologias variadas geradas na década anterior. A juventude mundial parecia querer se libertar dos grilhões sociais e, sobretudo culturais que impunham valores e condutas extremamente rígidos, asfixiantes. Era proibido pensar ou questionar as autoridades familiares, escolares ou no âmbito das forças políticas e militares. Esses jovens passaram a buscar então, uma nova via de realização de seus desejos na consolidação da liberdade de ser e existir.

Apresentando como bandeira de luta a palavra revolução, presente em textos, manifestos, panfletos e no seu dia-a-dia, colocou a juventude como protagonista dos atos de descontentamento e das reivindicações, encabeçando assim, o processo de crítica e arauto das mudanças na ordem estabelecida. Essa revolução de costumes foi liderada

principalmente por jovens norte-americanos, que se rebelaram contra o formalismo e a rigidez de sua sociedade, marcada pelo autoritarismo, puritanismo e pela atitude repressora. Em menos de uma década tabus morais desabaram, valores seculares foram colocados na alça de mira dos questionamentos e novos padrões de existência emergiam.

O sonho de todo os jovens, moças e rapazes era fugir de casa e viver livremente num mundo que parecia incitar esta ruptura familiar, centrada na transmissão rígida de padrões de comportamento. O que estava em pauta era uma nova mentalidade, onde imperavam as ofertas de paz, amor, sexo e autonomia existencial ⁵.

Fato decisivo para esta revolução nos costumes foi a emancipação feminina. Destinadas até então, em sua maioria, a se tornarem "rainhas do lar", as mulheres começaram a ingressar no mercado de trabalho e experimentaram uma liberdade desconhecida que só um salário poderia lhes propiciar. Convém mencionar que essas transformações estavam relacionadas às mulheres de classe média, pois o grupo feminino das classes populares sempre esteve inserido no mundo do trabalho. A luta, nesse segundo caso era por equiparação salarial e de direitos sociais.

Com Michel Foucault aprendi que a propalada Verdade é transitória, provisória, subjetiva, parcial e múltipla. O mesmo fato gera uma diversidade de versões que colocados numa lâmina de análise se mostram, na maioria das vezes, contraditórias e excludentes. Afinal não se pode ter a Verdade em duas versões tão distintas ⁶. Esse viés pós-moderno nos leva pelos labirintos da fragmentação, aonde as várias camadas de Verdade vão se contrapondo, se fundindo ou se digladiando até que se estabeleça no consenso popular a Verdade aceita como absoluta. Mais uma vez recorro a Foucault para compreender essa questão, pois se a diversidade e a fragmentação são o mote, como se estabelece então a Verdade universal? Ele afirma que essa “eleição” se dá pela habilidade da utilização do discurso. Sendo assim, quem tem o melhor e mais convincente discurso instaura a “Verdade das Verdades”.

Nos anos 1960, o panorama cultural brasileiro parecia viver o paroxismo dessa situação. A sociedade estava dividida e a opinião pública oscilava entre a modernidade de novas tendências estéticas e os radicalismos da postura política engajada. No campo das artes e da cultura em geral esse embate foi intenso. Foi um tempo onde as proposições de Michel Foucault eram experimentadas no cotidiano da sociedade brasileira.

Para compreender melhor a essência da agitação cultural e política das classes médias nos anos 60, é preciso estabelecer uma ligação direta com o contexto de acontecimentos globais. Parte das novidades, como o movimento feminista e as conquistas que ele encetava mudavam o quadro de referências, até então calcado no paternalismo e no patriarcalismo.

Dessa forma, o olhar artístico estava incorporando essas mudanças e as obras originadas neste período, notadamente estavam intimamente ligadas à liberalização dos costumes e seus desdobramentos comportamentais. O cineasta Cacá Diegues, numa de suas frases de efeito comenta esse novo paradoxo: “a mulher e a revolução, o Brasil e a dor de corno, tudo era uma coisa só”⁷. Na sequência, o cineasta continua sua fala, em outros termos, mas mantendo o ponto nevrálgico do seu pensamento sobre o novo sentido da arte, integrado com as transformações culturais pelo mundo:

Era como se não permitíssemos separar as coisas [...] Estávamos de tal modo convencidos de que iríamos construir um mundo melhor que nem alimentávamos dúvidas: no dia seguinte o mundo seria feliz e risonho graças aos nossos filmes, peças, etc. Então, isso implicava uma responsabilidade tão grande que a vida privada deixava de existir. A escrita privada e a vida pública tinham se tornado um só universo. [...] O trabalho cotidiano e até mesmo as idéias já não nos pertenciam, e sim à comunidade que participava daquilo.⁸

O excesso de verdades, tão opostas, era gritante. No cinema, na música, no rádio e na tv, personagens eram endeusados ou defenestrados por conta de sua atuação ou omissão. Não era possível, naquele período para os artistas não emitirem opinião ou ter uma relação de funcionalidade para o seu trabalho artístico. Era preciso tomar posição ou partido. A estética estava em plano inferior ao julgamento de consciência política que as artes deveriam provocar.

Mesmo que a participação das escolas de samba não apareça como ação engajada no campo artístico é possível perceber que suas apresentações, com seus enredos e sambas encontraram espaço de circulação e influenciaram gerações futuras com suas propostas estéticas e ideológicas. Longe de ser um produto somente folclórico, como defendiam alguns intelectuais⁹ ou serem associações culturais alienadas, as escolas de samba emitiam suas versões narrativas sobre a História do Brasil.

Isabel Valença: a eterna “Chica da Silva” na memória dos sambistas salgueirenses

A presença da mulher, emblemática no enredo *Chica da Silva*, contribuiu para um destaque maior da presença feminina nas agremiações e o fato da vitória de Isabel Valença no Concurso de Fantasias no Teatro Municipal ¹⁰ foi um marco, uma ruptura no quadro de tensões e conquistas da busca pela ascensão social, dos componentes das Escolas de Samba no espaço social destinado a elite, dentro do período da festa carnavalesca.

Dona Caboclinha ¹¹ ressaltou esse momento, falando com orgulho da presença de Isabel Valença como um símbolo da possibilidade de ascensão que representou para a comunidade do morro do Salgueiro o sucesso que a personificação de “Chica da Silva” apresentada pela agremiação no desfile de 1963 possibilitou.

Caboclinha – Olha, primeiro o samba foi, é muito bonito. Depois a Chica da Silva, representando a Chica da Silva, tava numa roupa maravilhosa que chegou a ir ao Municipal, onde pisou lá, primeira escola de samba que um destaque chegou ao Teatro Municipal, então aquilo ali, entre os sambista, foi um... um deslumbre, né... então aquilo ali ficou até hoje, ficou essa história de Chica da Silva todo mundo pede até pra cantar o samba, Quando a gente chega aqui vê se canta Chica da Silva, aí a gente vai cantando por aí a fora. ¹²

A importância da ação, na qual Isabel Valença foi a protagonista, de fato gerou uma onda de auto-estima que os moradores do morro do Salgueiro e as mulheres da comunidade partilharam. O destaque que Isabel obteve foi como um momento universal, onde cada uma das mulheres do morro parecia ter sido “tocada” pela impetuosidade de Isabel, constituindo uma referência para elas e um orgulho de sua mesma origem. Tia Ciça [13] é uma das depoentes que ressaltou esse aspecto.

Guilherme: [...] a senhora lembra disso, que Chica da Silva, deu uma auto-estima pro pessoal?

Tia Ciça: deu, deu, uma linda mulata, né. Foi até o Municipal né. Foi, deu. Aí que todo mundo começou a fazer... dar valor a destaque das escola de samba, tudo acompanhado pelo Salgueiro. [14]

Haydeé Blandina [15] também destacou a importância de Isabel Valença para a abertura de espaços sociais, até então excludentes. O gesto da mulata, com sua fibra e perseverança, passaram a ser seguidos pelos sambistas do Morro, em novas conquistas

sociais e culturais. A partir da presença de Isabel Valença, a “eterna” *Chica da Silva*, o universo das escolas de samba, ainda consideradas como representantes da cultura popular, extrapolaram os limites impostos ampliando o alcance que as agremiações e seus desfiles passavam a conquistar.

Haydeé:[...] 1963, o ano de Chica da Silva, então, eu cheguei na avenida, e tal de má vontade, mas, o desfile do Salgueiro, principalmente a atuação de Izabel Valença, que depois, de noite ela foi pro Municipal, e deu rasteira nas mulheres todas da sociedade, e ganhou o 1º lugar. Eu fiquei impressionadíssima porque, era arquibancada de madeira, ainda na Presidente Vargas, na 1ª eles colocaram, turistas, na 2ª tinha imprensa e o pessoal mais antigo, e na 3ª também, eles dividiram. E a Izabel, fez, ela retratou exatamente o papel que ela estava vivendo ali, porque ela era uma mulata, que o contratador se apaixonou por ela, fazia todas as vontades, ela pintava e bordava, então ela chegou no 1º setor, que eram convidados e também turistas, mas turista coitado não sente nada, mas ela chegou ali, e ficou em pé, aquele samba lindo, Chica da Silva, cantando, ela em pé, um leque lindo, que ela abriu o leque, e ficava olhando pro público e se abanava, e até então, ninguém fazia nada. E ela ficou ali, como quem diz: “estou esperando os aplausos”. De repente, foi um negócio contagioso, eles aplaudiram, aí ela fez uma ligeira reverência, e foi embora. Aí, veio o 2º setor, e o 3º, quando terminou ali, eu virei Salgueiro, eu não era nada, virei Salgueiro. [16]

O que chamou a atenção de Haydée foi todo o jogo teatral que se estabeleceu na avenida. A presença de Isabel e a entrega a sua personagem transcenderam o jogo de representações propostas no enredo e ganharam conotação de auto-afirmação de gênero e raça. O papel desempenhado pela mulata, mais do que vivificar a personagem escrava que se tornou “senhora” de Diamantina, servia como uma representação catártica da mulata que conquistava com suas qualidades toda a cidade pela via do carnaval e das escolas de samba.

Em seu depoimento, Haydée afirmou que Isabel teria saído da Avenida para o Municipal. Com efeito, a participação dela no concurso se deu no ano seguinte, quando sua fama já tinha sido estabelecida durante todo o ano de 1963 com destaque nos principais meios de comunicação da época (revistas, jornais, rádios) e nos eventos que o Salgueiro era convidado a participar.

No caso do estudo sobre carnaval e mais especificamente sobre escolas de samba, além das memórias eivadas de paixão, entram em jogo outros elementos que carregam as narrativas de colorações repletas de simbolismo. Trabalhando, sobretudo com os membros da Velha Guarda e de personagens importantes no contexto histórico do ambiente

carnavalesco dos anos 1960, percebi que essa tentativa de demarcar as ações da agremiação de coração como a primeira, a inovadora ou em outros aspectos a mantenedora do capital simbólico da tradição é um dos pontos recorrentes na narrativa dos entrevistados.

Os personagens que vivenciaram essa história revelaram durante as entrevistas o orgulho de ressaltar as características “revolucionárias” da agremiação. Com efeito, alguns pontos dessa história parecem confluir na criação e consolidação de certos “consensos” que passaram a se tornar “verdades” para a comunidade salgueirense e a vitória de Isabel no Concurso de Fantasias no Teatro Municipal, vestida de Chica da Silva parece ser um exemplo de reinvenção do fato, ressaltando seu caráter simbólico em maior grau do que a realidade do acontecimento.

Questionada sobre outros enredos, Haydée retomou o exemplo de Isabel Valença, de fato um símbolo da escola e da afirmação feminina dentro do universo das escolas de samba, com outro peso e conotação. Distante da sensualidade das jovens passistas e também da serenidade e do peso da ancestralidade da ala das baianas, ou da função harmônica das pastoras, Isabel encarnava outra representação, a da mulher madura, destaque principal da escola.

Haydê: “Os amores célebres do Brasil”, Chica da, pra mim Chica, não sei, foi Chica da Silva que me conquistou, porque foi uma coisa muito linda, e a Isabel fez uma representação na avenida, porque ela se convenceu de que era Chica da Silva, a amante do contratador, que mandava em tudo, em todo mundo, ele fazia todas as vontades ... [...] [17]

Elemento muitas vezes controverso, a memória e as narrativas dela decorrentes se tornaram nos últimos vinte anos um campo fecundo de investigação e instrumento de trabalho para os historiadores e cientistas sociais em geral. A materialidade da memória, nos textos transcritos de entrevistas, ou textos de autores contemporâneos aos fatos, escritos na primeira pessoa são, cada vez mais utilizados como fontes para a construção de uma pesquisa histórica. [18]

O diálogo entre memória e história é um dos pontos de observação na construção deste artigo, onde procurei perceber as nuances da produção dos discursos originadas a partir da evocação de memórias, o seu uso na construção da narrativa histórica e os possíveis usos que são realizados a partir de sua publicização.

Fernando Pamplona [19], estimulado a falar sobre o presidente Osmar Valença acabou revelando um dado novo na construção da imagem de Isabel Valença. A atribuição a sua força e a real liderança dos “negócios” da família ampliam o poder simbólico que essa personagem adquire. Não se pode medir o quanto de exagero existe na narrativa de Pamplona, pois nenhum dos entrevistados citou essa característica de Isabel. É possível, que sua declaração seja uma inconsciente vingança pelas inúmeras dificuldades vividas por Pamplona e Arlindo, causadas pela “irresponsabilidade” do ex-presidente.

Pamplona: Osmar Valença. Osmar Valença é um... [...] não, não, sortudo. O pessoal é que dizia que ele sortudo, sortudo nada. Dona Nenê dizia: “esse cara nasceu de cu pra lua, depois que veio pro Salgueiro”. É e o nosso trabalho ta onde? Osmar era um gozador. Quem comandava o Bicho não era o Osmar não, era a .. Isabel. [...] era Chica da Silva. Ele era testa de ferro. Ela que comandava tudo, ela que dizia quando { } ;tanto é que quando ela morreu, mixou, desapareceu, saiu de circulação; ele, ah, mas deixa eu dizer. Eu dirigi lá o Império da Tijuca. Agora { } muito engraçado no botequim, ah você morria de rir com ele, jantar com Osmar, lá naquela churrascaria, da Tijuca, ah! era uma beleza, eu morria de rir, a noite toda. A Isabel é que era grande, cabeça do jogo. [...] [20]

No encerramento da entrevista com Jorge Bombeiro [21], o assunto sobre a importância da figura de Isabel Valença veio a tona. O registro desse acontecimento, de fato, mexeu com o imaginário coletivo dos moradores do morro do Salgueiro, como se essa ação de Isabel, transfigurada em *Chica da Silva* tenha sido um símbolo de ascensão social, um passaporte para as comunidades periféricas dos morros também entrarem no seletíssimo espaço do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Jorge: naquele tempo, não entrava no Municipal, pessoal de escola de samba, e a Chica da Silva, foi a primeira mulher, de escola de samba que introduziu a entrada de pessoas de samba dentro do Municipal, a qual ela foi até agraciada com medalhas. [...] e por aí vai, né. [22]

Nessa passagem da entrevista de Jorge Bombeiro, percebi o poder de certo “enquadramento” da memória. Com efeito, o entrevistado repete a ideia de que Isabel Valença, encarnando Chica da Silva foi a pioneira para abrir espaços para os agentes culturais ligados as escolas de samba no espaço elitista do teatro Municipal. Percebemos

então que a memória individual se funde com a memória de outros agentes, gerando assim um consenso de uma memória coletiva.

A cerca desse fenômeno de transformar memória individual em coletiva, a partir da repetição constante de uma narrativa me levou ao trabalho de Deyse Perelmuter que corrobora com esse aspecto de convergência e, para o trabalho historiográfico considera legítima a inclusão da memória enquanto fonte. Trazendo para a discussão o seu caráter coletivo, mesmo quando esse material é coletado de forma individual, a autora percebe que assim, a memória como fonte de pesquisa, adequado a um processo metodológico de “emparelhamento” de discursos se constitui em importante ferramenta para a construção da análise em história. [23]

Segundo Rejane Pena, as preocupações e os novos olhares lançados sobre esse reservatório de acontecimentos e “verdades” e a sua relação dialética e tensionada sobre a consolidação ou exclusão de narrativas que expliquem determinados fatos, fazem a ligação do passado com o presente, na construção de um marco de poder, portanto de uma intenção política.

[...] Isso pode definir versões possíveis de serem construídas sobre um passado, podendo estas versões estarem sujeitas a interferências de caráter ideológico. Ou seja, para determinados grupos sociais, há fatos que se pretendem oficializar do mesmo modo que também existem acontecimentos que se desejam esquecer, afinal a visão que se constrói do passado pode definir posições políticas para o presente, (Pollak, 1989). Deste modo, a memória é selecionada conforme um nexos claramente ligado à visão que se pretende dispor no presente, podendo encontrar ou não condições que lhe dêem o status oficial, formando a base para que seja aceita como coletiva. Quando um fragmento encontra tal legitimidade, passa a ficar acessível a diversas gerações através dos vários suportes possíveis. A partir disso, podemos observar que a coleta e a análise de depoimentos orais juntamente com a pesquisa de outros fragmentos e documentos históricos vêm trazendo importantes contribuições para que captemos diferentes versões dos fatos históricos capazes de trazer à tona visões conflitantes importantes de serem observados no âmbito da pesquisa.[24]

Repensando valores e conceitos, como mais um “indício de verdade”, por mais subjetiva que ela seja, a esfera de manutenção ou exclusão da memória revelada nos depoimentos, em maior ou menor escala se apresentam repletos de idéias preconcebidas, originadas a partir de um reservatório de “verdades”, que muitos nem conseguem precisar

quando passaram a ser construídas. Segundo Rejane Penna esse processo se amplia no universo da cultura popular onde a oralidade é um de seus sustentáculos. [25]

Uma luz surgiu na folia carnavalesca carioca: Isabel Valença

Mas, quem foi Isabel Valença? Qual a sua história e trajetória? Porque ela se tornou um dos símbolos maiores da escola de samba GRES Salgueiro e o posto eternizado de destaque de carnaval? Por que a lembrança de sua presença é ainda evocada pelos antigos sambistas da escola? O jornalista Julio César de Barros [26], narrou assim a trajetória de Isabel Valença.

Há 20 anos morria Isabel Valença. Um mito entre os destaques carnavalescos e campeã em desfile de fantasia do Teatro Municipal, no Rio, ela ficou marcada como a mais perfeita Chica da Silva que já pisou o asfalto durante o Carnaval. Isso em 1963, num tempo em que não se recrutavam destaques entre os famosos da TV. Tempo em que os destaques saíam no chão, desfilando entre passistas e alas de evolução e não sobre carros alegóricos. A mulata era bonita, tinha personalidade e era a mulher do homem forte do Salgueiro, Osmar Valença. [27]

O jornalista, analisando o desfile de 1963 procurou elucidar certo equívoco na memória evocada sobre Isabel Valença e a sua personagem mais emblemática. A simbiose entre a personagem e a intérprete, pela força de sua performance e pelos obstáculos sociais vencidos, tal qual da personagem retratada conferiram a Isabel essa dupla personalidade, atribuída pelos componentes da escola e por todos que gravitavam no universo das escolas de samba.

Mas na verdade, no 28º Baile de Gala do Teatro Municipal do Rio, Isabel Valença desfilou fantasiada de Rainha Rita de Vila Rica, do enredo *Chico Rei*, do Carnaval de 1964. A confusão dos estudiosos se deve talvez ao fato de que a partir daquele desfile de 1963 Isabel passou a ser chamada de a Chica da Silva do Salgueiro. Quando ela despontava na avenida, o público gritava “lá vem a Chica da Silva”. O jornalista carioca Claudio Vieira narra a performance que a consagrou, fundindo a imagem da sambista com a personagem, numa coreografia desenvolvida exclusivamente para o desfile por Mercedes Baptista, primeira bailarina negra do corpo de baile do Municipal: “O Salgueiro investira 40 milhões e 200 mil cruzeiros naquele desfile. Só a fantasia de Chica da Silva, usada por Isabel Valença, custara 1 milhão e 300 mil. A peruca, criação de Paulo Carias, media um metro e dez de altura, ornada de pérolas. A roupa tinha uma cauda de sete metros de comprimento e anáguas com armação de aço, quando o normal seria arame. Chica seria representada pela atriz Zélia Hoffman, famosa vencedora de concursos de fantasias do Teatro Municipal. [...]”. [28]

A análise de Julio Cesar corroborou com o consenso criado em torno de Isabel Valença e seguiu narrando episódios onde esse efeito tornou-se geral, expandindo das classes sociais de onde Isabel fazia parte até as esferas de nobreza dos países europeus. Julio exaltou a trajetória de Isabel Valença, que inevitavelmente estabelece paralelos com a história da sua personagem *Chica da Silva*.

Assim, a sambista e a personagem se fundiram numa só lenda carnavalesca. Ao ponto de Isabel ser convidada para, vestida de Chica da Silva, participar da recepção a Lord Moutbatten, o bisneto da Rainha Vitória, que visitava o país. [29]

Sobre Isabel Valença, notabilizada assim no desfile de 1963, Haroldo Costa narrou uma curiosidade que tornou peculiar a sua presença na escola, naquele desfile. Sendo mulher do presidente da agremiação poderia desfilar em qualquer posição, sobretudo como destaque, mas o que quase impedia sua presença era uma obrigação espiritual que ela, convencida pelo carnavalesco Arlindo Rodrigues precisou pedir licença ao seu pai-de-santo e como a tarefa de nova obrigação ganhou a “liberação” para desfilar (COSTA, 1984, p. 131-132).

A narrativa do jornalista Haroldo Costa demonstrou que as relações entre o universo das escolas de samba com os terreiros de candomblé se constituem em laços fortes de respeito e permissão. Essa ligação intensa foi uma das marcas fortes do início das escolas e que perduram até os dias atuais. No caso de Isabel, a permissão para a quebra do “compromisso” não lhe trouxe problemas e ainda possibilitou que ela se imortalizasse no imaginário popular e se consagrasse nas páginas da crônica carnavalesca.

A vitória incontestada do Salgueiro abriu inúmeras possibilidades para a escola e seu prestígio alcançou força e o nome da agremiação, a partir desse carnaval se tornou um marco no universo das escolas de samba. As palavras de Haroldo Costa descrevendo a espera pelo resultado e a dimensão que o desfile sobre *Chica da Silva* impactou os demais espaços sócio-culturais do país, merece um registro.

[...] O mito de Chica da Silva se espalhou pelo Brasil afora e chegou até o exterior. A revista norte-americana Time, na sua edição de 1º de março daquele ano, saiu com um artigo sobre a escola e seu desfile, tendo como ilustração uma fotografia de Isabel Valença experimentando a peruca de 1 metro e 10 centímetros de altura. O texto da reportagem fazia um histórico

do enredo, do número de componentes e da quantia gasta para realizar o desfile. (COSTA, 1984, p.134)

O jornalista prosseguiu narrando a história da escola retratando a expectativa criada para o carnaval de 1964 e como a vitória da agremiação tijucana possibilitou que o Salgueiro ganhasse projeção nacional e virasse um modismo para os brasileiros e em especial para os cariocas.

Realmente, a campanha para o bi logo começou. Era incontestável o prestígio da escola. Diversas cidades queriam apreciar a beleza de Chica da Silva e do seu desfile. Todo fim de semana, dezenas de ônibus saíam com passistas, ritmistas, destaques, tudo para apresentações em clubes, praças e estádios. Mais um fato inédito também acontecia, o samba de Noel Rosa de Oliveira e Anescarzinho entrava nas paradas de sucessos das emissoras de rádio, através da gravação pós-carnaval de Monsueto Menezes, em disco Odeon, 78 rpm, nº 14.848. Virou moda ser salgueirense. (COSTA, 1984, p. 136)

O surgimento do mito Isabel Valença na imprensa carioca

Acompanhando as matérias do *Jornal do Brasil*, nos preparativos do carnaval de 1964, o nome de Isabel Valença já havia se tornado uma referência. Quando se falava do Salgueiro invariavelmente as atenções eram voltadas para ela, transformada no maior destaque da escola. Com a matéria *Escolas desfilam domingo 100 milhões em fantasias*, na Capa do *Caderno B*, os jornalistas Luis Paulo e Mauro Ivan, citavam a nossa personagem.

[...] No Salgueiro, por exemplo, as 800 figuras que deverão apresentar-se na Avenida gastaram nas fantasias um total de Cr\$ 7 600 mil, sem se falar de Isabel Valença, a *Chica de Silva* do ano passado, que chegará ao milhão de cruzeiros e é a mais cara da escola. Êste ano, Isabel Valença sairá de *Rainha*, fazendo o destaque mais importante, ao lado de *Neca da Baiana*, velho sambista que será a figura central do enredo como *Chico Rei*. [30]

Ainda na mesma edição, na página 6, com o sugestivo título de *Salgueiro troca Chica por Chico para tentar ser bi*, novas referências a Isabel Valença e o papel que lhe caberia representar no desfile de 1964. Reconhecendo o valor da sambista, a matéria divide as atenções com Joaquim Casemiro, o Calça Larga.

O Salgueiro trocou no enredo a Chica da Silva do ano passado pelo Chico Rei deste ano, reuniu o maior número de figurantes de sua história – cêrca de três mil -, pôs nova fantasia de luxa na sua Isabel Valença, ensaiou durante quatro meses e tentará, com base em tudo isso, repetir o sucesso de 1963, quando arrancou delirantes aplausos dos milhares de espectadores, que a aguardaram até de madrugada, e pontos da comissão julgadora, necessários para se tornar campeã, pela primeira vez na sua vida. Embora tenha, na verdade, vivido durante todo o ano da fama de seu principal destaque e do cartaz conseguido com o belo carnaval que mostrou, os Acadêmicos do Salgueiro têm uma responsabilidade maior que a de um campeão comum: a de tornar outra vez feliz aquêlê que até o seu coração deu à escola, o primeiro a chegar e o último a sair dos ensaios, o mais humano personagem da sua própria história, Casimiro Calça Larga.[...] Campeão do ano passado, quando impressionantemente entrou na Avenida, na transição da noite para o dia, dela se espera muito agora, quando já não se verá em plano destacado a beleza de Isabel Valença, que pôs de lado a sua Chica da Silva pelo direito do velho homem do samba, Neca da Baiana, tentar repetir a sua glória na figura do Chico Rei.[31]

O jornalista José Trajano, que assinou a matéria, concluiu comentando sobre o aumento da bateria e dos destaques da escola, como a porta-bandeira, o mestre-sala, não se esquecendo de mencionar os destaques “de sempre”, incluindo Paula e Isabel Valença. [32]

Uma história de preconceito e superação: O concurso de Fantasias do Teatro Municipal

Se em 1963, Isabel atingiu a “fama” pela beleza e por ter encarnado com perfeição a personagem *Chica da Silva*, o ano seguinte, por conta de outras batalhas reforçaria a sua personalidade, tornando-a, com efeito, um mito, do Salgueiro, da presença feminina nas escolas de samba, como retratou o jornalista Julio Cesar Barros.

[...] Em 1964 ela rompeu barreira ao vencer o concurso de fantasias na categoria luxo feminino no Teatro Municipal, um palco muito distinto da passarela do samba, causando espanto e euforia. As madames e os modistas veteranos do concurso torceram o nariz de início e protestaram ao final, mas tiveram de engolir a façanha da moça do morro que se consagrou no asfalto e desbancou a todos no salão. Num trabalho acadêmico sobre o personagem, Paulo B. C. Schettino, mestre em Cinema e doutor em Ciências da Comunicação, assim descreveu a glória: “Da passarela do samba, leia-se, o asfalto da avenida, (Chica da Silva) salta para os desfiles de fantasia de clubes fechados, em função do brilho, repercussão e o sucesso alcançados. Foi a glória de uma escola de samba – o Salgueiro - e de Isabel Valença, a passista que lhe emprestou o corpo”. Segundo Cíntia Rabaçal, “a mulata Isabel Valença foi a primeira cidadã afro-brasileira a entrar no baile mais chique e concorrido da cidade, o Baile do Municipal, disputando e vencendo o concurso de fantasias que acontecia durante o

baile, numa belíssima representação de (sempre ela...) Chica da Silva, enredo da escola naquele ano”. [33]

Entretanto, o drama pessoal de Isabel, tentando participar do concorrido concurso de fantasias de luxo no Teatro Municipal, extrapolou o âmbito do mundo do samba e ganhou as páginas dos principais jornais cariocas. O título da chamada da matéria, na capa do *JB*, *Preconceito de fantasia no Municipal*, dava a conotação negativa que o caso havia tomado.

Os organizadores do Concurso de Fantasias do Teatro Municipal negaram inscrição ontem à fantasia Vila Rica, de Isabel Valença, a mulata que fez o papel de Chica da Silva na Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, no ano passado, sob o pretexto de que o Teatro não pode admitir fantasias já exibidas em desfiles de rua. [34]

Uma ampla matéria abordou o assunto, que se tornou centro de uma polêmica, revelando por um lado as bases do preconceito racial da “elite carioca” e por outro, um episódio, onde se reivindicava a conquista de espaços sociais relevantes. A coluna *Samba Cá entre nós* deu grande ênfase ao conflito, estampando o título da matéria: *Municipal recusou a inscrição de Isabel Valença*, realçando um subtítulo que identificava Isabel por seu nome/personagem, *Chica sem vez*.

A mulata Isabel Valença, famosa Chica da Silva, que desfilou no ano passado pela Acadêmicos do Salgueiro, foi impedida ontem de tarde de apresentar sua nova fantasia – Vila Rica – no concurso do Teatro Municipal sob a alegação de que “não são permitidas as inscrições de fantasias que desfilam em escolas de samba”, item, que, no entanto, não consta do regulamento feito pela coordenação do concurso. [35]

A situação ganhou uma repercussão inesperada para os organizadores do concurso. Talvez apostando na aceitação passiva de Isabel, com a recusa de sua inscrição, o coordenador do evento se viu em maus lençóis, tentando explicar o inexplicável.

O Sr. Ribeiro Martins, coordenador do concurso, que não soube explicar porque o regulamento não foi cumprido e a inscrição de Isabel Valença aceita, acrescentou que “agora não poderia mais deixar que ela se inscrevesse”, pois, segundo o mesmo regulamento, o prazo esgotou-se ontem. Para o Sr. Ribeiro Martins, o caso da rejeição de Isabel Valença no concurso do Municipal “é delicado e devia estar previsto no regulamento que mostrou ser falho”. - Eu não tomei conhecimento do caso, pois não

estava presente, portanto não posso opinar sobre ele. No entanto – continuou o coordenador do concurso – teria que tomar uma atitude se estivesse presente e não posso afirmar qual ela seria. O fato é que as fantasias de escolas de samba não podem concorrer no desfile do Municipal, que é feito para fantasias de baile. Sem saber explicar o veto à inscrição de Isabel Valença, sem ao menos deixarem que ela tomasse conhecimento do regulamento e sob a argumentação de que existia um item a respeito, o Sr. Ribeiro Martins disse: - Isso não estava previsto porque nunca aconteceu. [36]

A tristeza de Isabel e a tentativa de justificar a proibição tornaram o episódio dramático e comovente. Aparentemente nada podia impedir à inscrição de Isabel e o que podia ser alegado, como a questão de serem vetadas qualquer fantasia ou indivíduo que pudesse vir a ser acusado de “atentar aos bons costumes”, era uma via, que escondia o preconceito racial e social da organização do evento para com a sambista e o seu marido.

Isabel Valença, que chegou ao Teatro Municipal cêrca de 17h 30 m em companhia de seu marido Osmar Valença, saiu logo em seguida, mostrando-se triste “por não poder exhibir a fantasia”, porém mais preocupada em terminá-la para o desfile das escolas de samba, depois de amanhã. Osmar Valença, ao saber que não constava no regulamento o item alegado para impedirem que sua mulher se inscrevesse, ficou revoltado e disse que “infelizmente não poderia recorrer a ninguém, pois estava de viagem marcada para São Paulo, onde foi comprar material para o carnaval da Acadêmicos do Salgueiro. A cláusula, única, que dispõe sobre a eliminação ou não aceitação de candidatos no Concurso de Fantasias, segundo o regulamento entregue aos concorrentes pela Coordenação do Concurso é a seguinte: Cláusula sexta – O coordenador e os demais componentes do júri terão autoridade de eliminar sumariamente, no ato da primeira apresentação (na platéia) do Teatro, toda e qualquer fantasia que não satisfaça às exigências deste regulamento, ou seja, que já tenham sido exibidas em concursos de anos anteriores, mesmo com modificações atualizadas, ou que atentem à moral e aos bons costumes. [37]

Haroldo Costa também retratou este fato marcante, relacionado com a história do Salgueiro e dos desfiles das escolas de samba, narrando todo o processo dramático da tentativa de inscrição e a sua recusa pelos organizadores do baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Não obstante a bela impressão visual que causou, o Salgueiro não saiu da avenida com pinta de campeão, muito menos de bicampeão. Na noite seguinte, porém, a escola criou mais um fato importante na história do carnaval desta cidade. Alguns dias antes do início do período carnavalesco, os jornais tinham noticiado que a comissão julgadora dos desfiles de

fantasias do baile do Teatro municipal havia recusado a inscrição de Isabel Valença, que desfilaria com a fantasia “Rainha Rita de Vila Rica”, porque o regulamento vetava a participação de trajes que já houvessem sido exibidos, ainda que modificados. E a fantasia de Isabel seria apresentada um dia antes no desfile das escolas de samba. (COSTA, 1984, p. 141)

No dia seguinte, o Jornal do Brasil voltou a noticiar o caso. Sob o título de *Municipal volta atrás e deixa Chica da Silva concorrer*, ganhou grande espaço na página 5, que no período carnavalesco era totalmente dedicada a Coluna “O Samba cá entre nós”, de Luis Paulo e Mauro Ivan. Todo esse movimento aconteceu em pleno sábado de carnaval.

O Assessor do Diretor do Teatro Municipal, Sr. Milton Marcos, disse ontem ao JORNAL DO BRASIL que Isabel Valença, a Chica da Silva dos Acadêmicos do Salgueiro no carnaval passado, pode ainda inscrever-se para o desfile de fantasias do baile daquele teatro, esclarecendo que o suposto incidente ocorrido com ela deve-se à falta de lembrança da funcionária encarregada das inscrições de consultar a Diretoria do teatro sobre o assunto. Adiantou que mesmo se já estivessem encerradas as inscrições do desfile, Chica da Silva seria considerada inscrita, em virtude do mal-entendido que houve. Afirmou ainda que no caso não houve qualquer parcela de racismo, porque muitas pessoas de côr já se encontram inscritas êste ano, como no ano passado também se inscreveram. [38]

Com efeito, se não houvesse a cobertura da imprensa esse episódio passaria despercebido. Entretanto, a fama conquistada por Isabel no desfile do Salgueiro lhe deu grande notoriedade. Durante todo o ano de 1963, além de estampar as capas de jornais, revistas, no Brasil e no mundo inteiro, Isabel se tornou uma espécie de “embaixatriz” dos Acadêmicos do Salgueiro. O caso foi tão comentado, ganhando tanta repercussão que a intervenção do Governador da Guanabara, Carlos Lacerda, se fez necessária. A narrativa de Haroldo Costa destacou a rápida ação do político no sentido de inverter aquela decisão inicial.

O Jornal do Brasil publicou uma entrevista onde acusava de racismo os organizadores do desfile. O Governador Carlos Lacerda estava inaugurando uma caixa-d’água no morro, quando a professora Sandra Cavalcanti, que fazia parte do seu secretariado, deu-lhe o jornal para ler. Na mesma hora, fazendo uma declaração pelas emissoras de rádio que estavam presentes à cobertura, ele ordenou que fosse aceita a inscrição de Isabel Valença (COSTA, 1984, p. 168).

Esperteza política de Lacerda ou “obra do acaso”? A coincidência de o governador estar naquele momento no morro do Salgueiro acelerou a urgência da resolução do imbróglio. A partir de então, exibindo certa contrariedade, os organizadores permitiram a inscrição de Isabel no concurso. Era a primeira vitória da sambista, vencendo as barreiras sociais que sua classe e sua cor queriam lhe imputar, mas por teimosia e coragem ela não admitia sucumbir.

O Sr. Milton Marcos disse que o Governador Carlos Lacerda lhe havia perguntado se Isabel Valença devia participar do desfile. Salientou que as ponderações do Coordenador do concurso de fantasias, Sr. Ribeiro Martins, foram no sentido de que o vestido a ser apresentado por Chica da Sila já terá desfilado no domingo pela Avenida Presidente Vargas, na Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. - Mais isto agora é prôblema dela – acrescentou. A secretária do Sr. Ribeiro Martins, Srt.^a Glória Rodrigues, que está a cargo das inscrições para o desfile de segunda-feira na passarela do Municipal, informou que o encerramento dessas inscrições está prevista para as 14 horas de hoje. [39]

Na edição de domingo, a matéria *Chica inscreveu-se no Concurso do Municipal*, retratou a alegria de Isabel. Estampada no Jornal do Brasil, o sorriso de Isabel parecia ser radiante com a sua primeira vitória e o trânsito livre para participar do concurso. Agradecida ao governador Carlos Lacerda, Isabel fazia planos para a sua participação no concorrido desfile de fantasias.

Isabel Valença, a mulata que ficou famosa vestindo a fantasia de *Chica da Silva*, no desfile da Acadêmicos do Salgueiro, no ano passado e que, êste ano teve sua inscrição negada no concurso do Teatro Municipal, conseguiu ontem de manhã – cêrca de 11 horas – inscrever-se, depois que a direção do teatro voltou atrás em sua atitude. Com sua nova fantasia, *Rainha de Vila-Rica*, mulher de *Chico-Rei*, figura central do enredo da Acadêmicos do Salgueiro, Isabel Valença desfilará hoje na Avenida Presidente Vargas e amanhã concorrerá aos prêmios do concurso de fantasias do Baile de Gala do Municipal. Isabel Valença, depois que o Governador Carlos Lacerda exigiu uma satisfação da direção do Teatro, foi ontem de manhã e se inscreveu, apesar do prazo ter terminado, já que havia sido prejudicada com a negativa inicial. Satisfeita, Isabel Valença foi sozinha ao Teatro Municipal, sendo bem recebida e ouvindo imediatas justificativas por parte dos funcionários responsáveis pelo concurso. Assim, ela desfilará sua *Rainha de Vila-Rica* pela Avenida Presidente Vargas, na noite de hoje, preocupada também em não estragá-la para o concurso de amanhã. - Isso não prejudicará minha apresentação – afirmou satisfeita Isabel Valença. [40]

Julio Cesar Barros também atribuiu importância a intervenção do governador Carlos Lacerda para a “virada” desta história.

Mas a vitória no Municipal da moça oriunda do morro, da mulata da escola de samba, só foi possível por interferência do governador Carlos Lacerda, que anulou a decisão dos organizadores do concurso, que queriam impedir a sambista de competir naquele palco privilegiado. A conquista de Isabel foi sobretudo uma vitória da teimosia, da altivez, que ela exibiria ao longo de sua vida. [41]

Vencida a primeira “batalha”, outras estavam por vir. Antes da aclamação popular, as tensões dos bastidores revelaram ações de preconceito social e, sobretudo, racial. Haroldo Costa citou a atriz Wilza Carla, personagem bastante regular naquele universo dos desfiles de fantasias de luxo em sua explosão de fúria, quando Isabel Valença foi declarada vitoriosa.

[...] Conta que, ao ser revelado o resultado, dando o primeiro lugar de luxo à fantasia de Isabel, a concorrente Wilza Carla avançou furiosa para Osmar Valença, exclamando: - Negro de escola de samba não pode ganhar no Municipal. Mais tarde Wilza atribuiu a frase a um desabafo impensado, mas Isabel ficou muito magoada. (COSTA, 1984, p. 141)

A narrativa de Haroldo prosseguiu enaltecendo o feito de Isabel, naquele episódio. Com efeito, o jornalista ressaltou o acontecimento em sua dimensão simbólica, pois, tudo aquilo que aquela vitória proporcionou foi abrir portas para os componentes das escolas de samba, das pessoas humildes, pobres, negras, mulheres, num caminho futuro de reconhecimento social. O resultado final, como atestou Haroldo, foi emocionante.

Como era de hábito, por volta da meia-noite o baile parava para a apresentação das fantasias vitoriosas nas diversas categorias. Na maioria das vezes, os foliões manifestavam uma certa hostilidade, mas naquela noite foi diferente. Quando o coordenador do desfile, Antônio Ribeiro Martins, anunciou Isabel Valença com sua fantasia premiada, o salão inteiro, sem que ninguém ordenasse ou comandasse, começou a cantar o samba Chica da Silva. Foi um grande momento, um belo momento, desses que marcam a memória e o sentimento das pessoas. (COSTA, 1984, p. 141)

Todo o esforço de Isabel e o desfecho “apoteótico” do episódio foi um marco na História das mulheres, do carnaval, dos desfiles das escolas de samba e da GRES

Acadêmicos do Salgueiro. A cobertura pós-carnavalesca, do Jornal do Brasil, comentando sobre o Concurso do Municipal noticiou:

Nove mil pessoas espremidas nos salões do Municipal prestaram, às duas horas de domingo, uma homenagem inédita a um concorrente ao concurso de fantasias, aplaudindo de pé a mulata Isabel Valença, do Salgueiro, ganhadora do concurso de luxo deste ano com sua Rainha de Vila Rica. Isabel Valença, que 3 dias antes fora impedida de se inscrever pela direção do teatro, gastou mais de quatro milhões de cruzeiros na sua fantasia, tôda bordada de pedras semipreciosas e com uma enorme cauda. Isabel Valença desfilou de coroa à cabeça e sob um côro de milhares de vozes cantando o samba Chica da Silva, da criação que a tornou famosa. [42]

O que ganhou o peso nesse episódio foi que Isabel encarnou com sua atitude toda a força simbólica que era ampliada por sua condição de mulher, negra e moradora dos bairros periféricos da cidade do Rio de Janeiro. Imbuída do “espírito” transgressor da sua personagem, tal qual Chica da Silva, Isabel Valença enfrentou as adversidades, os obstáculos e cumpriu seu papel, o de conquistar o espaço que ela acreditava ser dela, por direito.

Sei que essa análise se tornou demasiadamente emocional, mas sem sombra de dúvidas, esse caso é emblemático de todo um processo de lutas que, segregava os atores sociais, dos espaços centrais da cidade. Envolvidos nas agremiações desde o início dos desfiles das escolas de samba, os sambistas sentiam na pele a discriminação ou a “aceitação” pelo lado “exótico”, “folclórico” da manifestação escola de samba.

Grandes vitórias geram ódios proporcionais, que passada a euforia da conquista certos direitos precisam ser evocados. Rebatendo as acusações, Isabel foi além e fez questão de comprovar que sua vitória foi de fato e de direito e que não cabia “choro” de perdedores. Isabel Valença, assim venceu o concurso e entrou para a História do Carnaval carioca.

O Sr. Osmar Valença, contestando acusações que foram feitas à sambista Isabel Valença, que desfilou na Escola de Samba do Salgueiro como Chica da Silva e Rainha Canibinda, em 63 e este ano, declarou ao JORNAL DO BRASIL que vai hoje, a 17ª Vara Criminal requerer uma certidão para provar que não corre na Justiça qualquer processo contra sua mulher. A sambista Isabel Valença declarou, tranquila, que compreende bem a campanha de desmoralização que pretendem mover contra ela, atribuindo tudo “a natural magoa dos concorrentes”, e garantiu que jamais entrou num Distrito Policial e que a folha corrida da sua vida, fornecida pela Polícia, está à disposição dos que a detratam. [43]

No entanto, apesar do reconhecimento popular e a popularidade alcançada por conta da força da personagem *Chica da Silva*, o pesquisador enfatizou a versatilidade de Isabel como figura de destaque nos desfiles do Salgueiro. A própria definição de “destaque” passou por uma redefinição a partir do sucesso de Isabel que estabeleceu um novo paradigma de comportamento e desempenho que a manteve sempre em posição de grande visibilidade, não só para sua agremiação de coração, mas no grande palco dos desfiles, a avenida principal.

Mas sua carreira não foi de uma personagem só. Em 1966, ela foi a Marquesa de Santos. O jornalista Gustavo Melo, ex-diretor cultural do Salgueiro, narra a apresentação espetacular da destaque como a amante de D. Pedro I, no enredo *Amores Célebres do Brasil*, em que contracenou com Clóvis Bornay, museólogo e carnavalesco dos desfiles de fantasia do Municipal, que além de montar o enredo saiu como o imperador, fazendo par com Isabel: “Isabel mirava seu olhar no julgador, hipnotizado pela postura da destaque. Até que alguém aplaudiu a performance, atitude seguida por todos próximos à cabine. A destaque continuava imóvel e cada vez mais altiva. Queria mais. Havia um *gran finale* a cumprir. Eis que todos se levantaram, aplaudiram de pé e ovacionaram em êxtase a personagem imortalizada na história como a amante do Imperador. E Isabel, como uma grande atriz, abriu um largo sorriso, reverenciou a todos que a aplaudiam calorosamente, saiu de cena e seguiu para mais uma consagração nos braços do povo”, contou Melo. A performance de Isabel não foi o suficiente para evitar que o Salgueiro, campeão de 1965, amargasse um mirrado quinto lugar.[44]

Outros desfiles, novos personagens e mais sucessos que Isabel, nas palavras de Julio Cesar, capitalizava ainda fiel às origens, bordando sua própria fantasia e encantando os espectadores na avenida.

Em 1967, três anos depois do golpe militar, o Salgueiro trouxe o enredo *História da liberdade no Brasil*, um carnaval vigiado desde os ensaios pelos órgãos de segurança. A agremiação da Tijuca ficou em terceiro lugar, mas Isabel mais uma vez deixou sua marca, vestida de Princesa Isabel numa fantasia em que o dourado contrastava com o vermelho e o branco da escola, faiscando com seus vidrilhos e pedrarias. No ano seguinte, ela foi Ana Jacinta de São José, no enredo *Dona Beija, a feiticeira de Araxá*, desenvolvido por Fernando Pamplona, com novo festival de elogios à sua performance. No final de 1968, se especulava que Natal levaria a Portela para desfilar em São Paulo, inconformado com os julgamentos dos últimos carnavais cariocas. Ao mesmo tempo, indiferente à polêmica, o Salgueiro preparava o carnaval de Arlindo Rodrigues *Bahia de Todos os Deuses*, para

o desfile de 1969. Enquanto a imprensa repercutia a polêmica junto a outros dirigentes cariocas, que falavam até em suspensão dos desfiles, e confirmava com Paulo Henrique Meinberg, secretário municipal de Turismo de São Paulo, o convite à escola de Osvaldo Cruz, a reportagem flagrava Isabel em sua casa bordando ela própria uma fantasia luxuosa de destaque principal da escola, indiferente à confusão dos cartolas. [45]

Haroldo Costa sintetizou o resultado do desfile de 1968 apontando para um fator novo naquele final da década de 1960. O alcance que os desfiles passaram a ter e a resposta do público de outros estados, quando eram retratadas figuras, personagens ou paisagens de seus estados alavancavam as possibilidades turísticas do local homenageado. Os mineiros de Araxá fizeram reverências ao Salgueiro, lisonjeados com a homenagem, escolhendo Isabel Valença, como grande personalidade que representava a própria Escola de Samba. Assim, ela foi agraciada com vários presentes, recebendo-os em nome de todos os componentes do GRES Acadêmicos do Salgueiro.

Apesar de todos os esforços dos carnavalescos e dos componentes, não foi um carnaval brilhante este do Salgueiro em 1968, mas serviu ao menos para reintroduzir na vida histórica brasileira a figura de Dona Beja tanto assim que logo que passou o carnaval, reconhecidos pela enorme promoção turística que a escola realizara para Araxá, os habitantes desta cidade enviaram uma comissão ao Rio para oferecer três lembranças a Isabel Valença: uma tela intitulada Museu de Dona Beja, uma colcha tecida à mão e uma placa de prata com uma inscrição alusiva ao acontecimento... (COSTA, 1984, p. 177)

Em alguns momentos a relação de Isabel com os carnavalescos se tornou tensa. O ambiente do Salgueiro sempre tão explosivo e apaixonado apresentava novo momento de “cataclismos” oriundos de vaidades e guerras de comando em pleno período de preparação do carnaval de 1970. As dificuldades e os bastidores da agremiação soavam como prenúncio de um grande desfile ou de mais uma vez a perda de um bicampeonato que para muitos parecia ser coisa certa.

De repente, no mundo salgueirense, uma notícia inquietante: Osmar Valença anuncia que vai se demitir, e Isabel Valença, que sairia de Tia Ciata, desfilará como simples passista. Realmente, estava havendo um desentendimento entre Isabel e Arlindo; ela não concordava com o figurino e dizia para quem quisesse ouvir que não ia sair “com vestido antigo e uma cesta de baiana na cabeça”. Mas isto não parecia ser o motivo para a propalada renúncia de Osmar, que, alguns dias depois, desmentia que sairia antes do carnaval, mas que na quarta-feira de cinzas deixaria a presidência.

Para contornar o mal-estar em relação à fantasia, Fernando interveio e autorizou Isabel a alterar o figurino, desde que ele ficasse com as características da personagem. (COSTA, 1984, p. 184)

Os comentários de Haroldo sobre esse desfile, cujo enredo foi *Praça Onze, Carioca da Gema* tiveram alguns pontos altos e os negativos, entre eles a fantasia de Isabel, que personificando Tia Ciata, apresentava um “luxo” desmedido em relação à personagem retratada.

[...] As alas estavam muito bonitas, e uma das mais animadas era a dos “Requintados do Samba”, liderada por Teresa Aragão, salgueirense convicta e permanente. A fantasia de Isabel Valença recebeu muitos comentários negativos; dizia-se que o luxo que ela trazia era incompatível com a simplicidade que foi Tia Ciata. (COSTA, 1984, p. 185)

Voltando ao texto de Julio Cesar Barros, o tom de exaltação seguiu num crescendo e vários carnavais foram citados. Mesmo com o afastamento de Osmar Valença da presidência, Isabel Valença manteve a posição de destaque que ela exercia a frente da escola nos desfiles. Ao final da citação, o pesquisador fez a nota de falecimento de uma personalidade do mundo do samba, que encarnou em vida o ideal da sua personagem, *Chica da Silva*, que com certeza, ela ajudou a se tornar mais famosa em nosso país e no mundo.

Ela foi ainda outros grandes vultos femininos no asfalto da passarela do samba. Foi Tia Ciata (1970), Ana Paz, amante de Maurício de Nassau (1971), Rainha de França, em 1974, ano em que a escola venceu com o enredo *O Rei de França na Ilha da Assombração*, de Joãozinho Trinta, que mais tarde se lembraria assim dos detalhes: “Eu fiz um grande vestido para a Isabel Valença, que começava nas palmeiras, sete negros carregavam sete pontas do vestido dela, que terminava nos bordados”. O carnavalesco colocou-a, como aos demais destaques, pela primeira vez em seus carnavais, em cima de um carro alegórico. Ela foi também Moça Branca (a cachaça), no Carnaval de 1977, fantasia lindíssima que lhe valeu o Estandarte de Ouro de Destaque Feminino da Rede Globo. Foram muitas as personagens que a cabrocha representou com qualidade na avenida, culminando no Carnaval de 1987, em que saiu como ela mesma, Isabel Valença, no carro de abertura do enredo *E Por Que Não?*, no qual o Salgueiro fazia uma auto-homenagem. Em seu último desfile, em 1990, Isabel Valença voltou a vestir-se de Rainha de França, no enredo *Sou Amigo do Rei*, de Rosa Magalhães, que valeu à escola um terceiro lugar. Isabel morreu no dia 25 de agosto daquele ano, de arteriosclerose coronária. Em 2005, o Salgueiro promoveu uma grande exposição fotográfica sobre a carreira de seu mais espetacular destaque. [46]

Paula e Isabel - duas musas do Salgueiro

No item “personalidades” do Salgueiro uma outra mulher ganhou grande destaque, a famosa passista Paula que foi considerada um dos maiores símbolos da mulher salgueirense de todos os tempos. Vários textos sobre Paula, que circularam na imprensa carioca não se atinham aos dados biográficos da “pastora” e sim a sua extrema feminilidade e o jeito como ela encarnava a essência das mulheres que se identificavam com o Salgueiro [47].

O texto abaixo é um exemplo emblemático da importância que a sambista já apresentava para a história inicial do Salgueiro. Irradiando também sua presença além das fronteiras da própria escola, sendo um dos ícones femininos da história dos desfiles das escolas de samba nos anos 1960/80, Paula era um “patrimônio” do carnaval carioca.

Paula do Salgueiro não é destaque apenas de sua escola. Ela é mais do que isso, porque simboliza o carnaval e em sentido mais largo o próprio espírito do povo carioca. Com a sua alegria vestida de rendas, com a sua pele feita de noite, a famosa passista não precisa vencer para ser ela própria, uma vitória do morro humilde que fabrica o samba, e um momento de glória para a sua raça. Ninguém precisa saber quanto custou a sua requintada fantasia, ou o muito suor que exigiu a maestria de seus passos. Paula e o Salgueiro, o samba e o Rio, unidos num ritmo de cor e de som, alma aberta à alegria, corpo-oferenda ao amor. [48]

Nascida sob o nome de Paula da Silva Campos, no primeiro dia do ano de 1918, na cidade de Niterói, a sambista continuou morando na sua cidade natal, mesmo com toda a fama conquistada pelos desfiles, pelos shows e eventos que participava. O tratamento dispensado pela imprensa era de uma “diva” do carnaval, mas também de uma mulher forte, corajosa e exemplo de engajamento nas questões de gênero. Paula era, até a entrada em cena de Isabel Valença, a grande figura do Salgueiro e na pesquisa que efetuei no Jornal do Brasil seu nome foi citado em praticamente todos os anos que estão inseridos no recorte temporal deste artigo, ou seja, os anos 1960\70. Será que houve rivalidade entre as duas personagens? Essa relação se estabeleceu sem conflitos? Talvez esse tema seja pertinente para um novo artigo futuro.

Um ponto importante na matéria destaca o “desejo” de concorrer no Municipal. Mesmo que não estivesse explícito em sua fala, é possível perceber que “concorrer no

Municipal” era algo que povoava o imaginário dos sambistas das escolas de samba. A sua “rica fantasia”, presente da Escola, revelava a sua importância na Escola e o “desejo”, que parecia improvável de ser realizado. Interessante notar que esta fala de Paula é de 1960, portanto quatro anos antes da emblemática participação e vitória de Isabel Valença no referido concurso.

Paula saiu de escrava, em 1957, foi baiana nos dois últimos anos e este ano trará uma fantasia que deve surpreender todo mundo. - Será um presente da própria Escola – conta Paula dizendo que será uma fantasia cara, luxuosíssima, “coisa de grã-fino apresentar-se no Municipal”. Vamos ver este ano os Acadêmicos ganham finalmente o primeiro lugar do campeonato do Samba. [49]

A trajetória de Paula como um dos destaques do Salgueiro foi sendo consolidada a cada ano. Em 1963, no desfile que projetou Isabel Valença, seu nome já era uma referência da Escola. A citação abaixo, extraída do *Jornal do Brasil* faz um balanço do desfile do Salgueiro no carnaval de *Chica da Silva*. Interessante notar que no rápido resumo são destacados vários pontos altos da escola, que pelo teor do texto pareceu ter sido a “sensação” do desfile. Entretanto, Isabel Valença não foi nomeada na matéria, que se refere a ela como a *mulata que representou Chica da Silva*”, enquanto Paula é chamada de “imortal”. Pesos diferentes que o tempo iria reverter.

[...] Mas já então o Salgueiro era assunto único, correndo de boca em boca, por toda a extensão da Presidente Vargas onde se desenrolava o desfile, que os Acadêmicos do Salgueiro eram o estouro de 63. E Salgueiro foi de fato espetacular. Rica, original, trazendo um enredo excelente e um samba bonito, a vermelho e branco, fez com que nem mesmo o fato de desfilar de dia – foi a primeira depois do amanhecer -, sem a festa de luzes que é a apresentação noturna, se constituísse em prejuízo para ela, tal o encanto que causou. Chica da Silva foi indiscutivelmente o melhor enredo de 63. Muito bem bolado, defendido por um samba à altura e cheio de pontos originais onde nem por isso entrava a coisa espúria, deve ter ganho a nota máxima ou quase isso. A fantasia da mulata que representou Chica da Silva era assim como uma fábula, tão rica quanto as mais ricas dos bailes sofisticados. Entre outras coisas, tinha uma cabeleira de *nylon* vinda de Paris e três pedras preciosas autênticas. Um bonito chafariz e a revoada de pombos foram algumas das características originais do enredo. Entre suas figuras, valeram principalmente o folclórico Monsueto, a própria encarnação da bossa do samba, carregando sempre um largo e cativante sorriso, mostrando-se também um ótimo passista, e a imortal Paula, ao lado de quem ele teve a responsabilidade de atuar[...] [50]

A presença de Paula foi ao longo dos anos uma das forças dos Acadêmicos do Salgueiro. Sergio Cabral identificou a “pastora” como essa “mulher síntese” da agremiação. Mesmo, não morando na comunidade, o respeito conquistado com os anos fez dela uma liderança incontestada da escola e um dos grandes trunfos de atração do público nos desfiles em que participou.

No Salgueiro, é Paula. Quantos desfiles, quantos carnavais. Comemorações e tristezas. Mas, sempre Paula. Sempre Salgueiro. A majestosa figura deslizando no asfalto, o ritmo marcado, o famoso jogar de ombros (imitado, nunca igualado), a arquibancada enlouquecida. Aplausos para a pastora, reverências para a cabrocha, reconhecimento para a mulher-Salgueiro, a deusa que fez da escola o altar; do samba, cântico religioso; duas vestes de baiana, paramentos de uma liturgia, para a qual levou em oferenda toda a vida. Paula, uma sacerdotisa. Salgueiro, uma vida. (CABRAL, 1996, p. 197-198).

Sua morte, em dois de agosto de 2001 não representou o fim e sim a transformação da passista em uma das figuras míticas que povoaram a avenida dos desfiles das Escolas de Samba por mais de três décadas, onde segundo tantos relatos, esbanjou graça, sensualidade e um amor enorme pelo Salgueiro, pelo carnaval carioca, pelo Rio de Janeiro.

A imprensa e o carnaval carioca: uma memória em constante construção

O termo mídia, muito utilizado nos dias atuais é um conceito que deva ser historicizado, pois a sua utilização antes da virada deste milênio é uma utilização indevida. O que denominamos mídia, além dos veículos de comunicação de massa, surgidos ao longo do século XIX (jornais, revistas) e XX (rádio, TV) engloba também a internet e mais recentemente as redes sociais. Esse conjunto de veículos de comunicação permite que tomemos conhecimento das notícias em “tempo real” e a dimensão do que é anunciado atinge uma massa gigantesca, algo impensado em meados do século XX. Por conta dessa questão achei mais razoável não me utilizar do conceito, quando me referi aos anos 1960\70, quando este processo de globalização da comunicação estava apenas engatinhando. Entretanto, acredito que o poder de mobilização dos meios de comunicação

no período temporal analisado neste artigo já possuía grande força de mobilização, criando mitos, fatos e “verdades” consumidas por um considerável público.

Dessa forma, a idéia central do texto mantém sua coerência, pois para o momento analisado o conjunto de veículos de comunicação conseguia mobilizar e construir versões, assim como enaltecer ou denegrir seriamente a imagem de algum indivíduo. O exemplo de Isabel Valença é um dos momentos onde percebemos essa ação estruturante. O sucesso que a sambista alcançou se deu em grande parte por ser ela escolhida pela imprensa como uma personagem relevante, do Salgueiro, do carnaval e da cidade do Rio de Janeiro.

Ao longo desses cinquenta anos a história da sambista em o seu maior sucesso, *Chica da Silva* se mantém como memória sempre lembrada dos antigos carnavais. Um artigo no Jornal *O Globo*[51] demonstra o quanto a sua história esteve entrelaçada as transformações que os desfiles passaram, tanto na questão temática quanto no lugar de destaque que Isabel, com seu porte estabeleceu. A trajetória de luta contra os preconceitos, sempre lembrada pelos antigos sambistas ainda ecoam pelos jornais em tempo de cobertura pré-carnavalesca.

Assim sendo, a importância da imprensa foi capital para transformar uma mulher de origem humilde, negra e moradora da periferia numa das referências na luta pela igualdade de direitos e do respeito que as mulheres exigiam a partir das lutas feministas dos anos 1960. Isabel Valença em sua simbiose com a personagem Chica da Silva se tornou “imortal” e essa memória poderosa foi e continua sendo alimentada pela imprensa que é uma das potentes repositoras da memória cultural do Brasil.

NOTAS

1 Doutorando em História pela UFF

2 O desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro é organizado como uma disputa de campeonato. Ao longo dos anos os nomes dos grupos, número de escolas participantes e regras de competição foram sendo alteradas. O primeiro desfile oficial e concurso ocorreu no carnaval do ano de 1932, e foi vencido pela agremiação Estação Primeira de Mangueira. Os desfiles eram realizados no domingo de carnaval, na Praça Onze. Em 1942, com as obras da avenida Presidente Vargas, o desfile mudou de local, sendo realizado no Estádio de São Januário, em 1945, na Avenida Rio Branco entre 1946 e 1962 e na avenida Presidente Vargas até 1973. A partir de 1952 são montadas arquibancadas para o público assistir aos desfiles. Em 1961 os desfiles passam a ser um evento com cobrança de ingresso do público. Em 1974, devido às obras do metrô, foi realizado na avenida Presidente Antônio Carlos. Em 1978 ocorre a mudança para a rua Marquês de Sapucaí e com o governo de Leonel Brizola, em 1984 foi construída arquibancadas de concreto, projeto de Oscar Niemeyer, numa pista que seria a definitiva para os desfiles.

3 Essa visão narrativa é recorrente nos pesquisadores Haroldo Costa, Sergio Cabral, Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, Nilton Santos, Monique Augras, Felipe Ferreira, Walnice Galvão, entre outros. Creio, entretanto, que essas representações já estavam aparecendo em outras agremiações e no próprio Salgueiro, em

conexão com os movimentos da cultura negra no teatro, na dança, na literatura e até mesmo no engajamento político.

4 Gustavo Melo. *Na Vida, Um Mendigo... Na Folia, Um Rei!* Monografia de graduação do Curso de Comunicação Social (Habilitação em Jornalismo) pela Universidade Federal do Ceará. UFCE-JAN/2000, p. 9-10.

5 ZAPPA, Regina e SOTO, Ernesto. *1968 Eles só queriam mudar o mundo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p.103.

6 FOUCAULT, Michel. A microfísica do Poder.

7 MORAES, Denis de. *Vianinha, cúmplice da paixão*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1991, p.107.

8 Idem.

9 Podemos citar Edison Carneiro, José Ramos Tinhorão, Sergio Cabral, Sergio Bittencourt, Nonato Masson, entre outros.

10 Em 1937 o Teatro Municipal do Rio de Janeiro instituiu bailes de carnaval de gala com concurso de fantasias, inspirado no modelo dos bailes de Veneza.

11 Maria Aliano, conhecida pela comunidade do Salgueiro como Dona Caboclinha, tem sua história estritamente ligada a escola da Tijuca. Desde pequena frequentou a Depois eu Digo, uma das agremiações que participou do processo de fusão que resultou nos Acadêmicos do Salgueiro. Foi passista, desfilou em alas e participou da Ala das Baianas. Atualmente preside a Velha Guarda da escola, onde está há mais de vinte anos.

12 Entrevista com Dona Caboclinha realizada na Quadra do Salgueiro, na Tijuca, em 12/7/2010.

13 A mineira Leci de Souza Menezes, conhecida na escola como Tia Ciça, saiu de Minas Gerais e veio para o Rio de Janeiro com os pais aos cinco anos de idade. Desde então se tornou moradora do Morro do Salgueiro.

14 Entrevista com Tia Ciça realizada na Quadra do Salgueiro, na Tijuca, em 12/7/2010.

15 Haydê Blandina, carioca de Vila Isabel, jornalista aposentada foi, por muitos anos, integrante da ala dos compositores do Salgueiro. Moradora de Copacabana encontrou na agremiação um motivo de paixão. Para ela, a distância geográfica e social não a impediu de constantemente subir o morro, para realizar suas atividades na escola.

16 Entrevista com Haydê Blandina realizada na Quadra do Salgueiro, na Tijuca, em 12/7/2010.

17 Entrevista com Haydê Blandina realizada na Quadra do Salgueiro, na Tijuca, em 12/7/2010.

18 ROUSSO, Henry. *A memória não é mais o que era, p. 94* in In FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org.), *Usos e Abusos da História Oral*, 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

19 Fernando Pamplona, nasceu no Rio de Janeiro em 28/09/1926. Professor da Escola Nacional de Belas Artes e cenógrafo do Teatro Municipal do Rio de Janeiro passou a criar enredos para o Salgueiro em 1960, chefiando uma equipe que contava com Arlindo Rodrigues, Marie Loïuse Nery, Nilton Sá e em meados da década de 60 contou com Joãozinho Trinta, Maria Augusta Rodrigues, Rosa Magalhães, Max Lopes, entre outros.

20 Entrevista com Fernando Pamplona realizada em sua residência em Copacabana, em 19/11/2010.

21 Jorge Bombeiro, nome artístico de Jorge Batista de Oliveira é um sambista, nascido no bairro da Tijuca, no morro do Salgueiro em 1932. Esteve presente na agremiação desde a sua fundação. Foi durante muito tempo apresentador dos ensaios que a agremiação realizava no Clube Maxwell, durante os anos 1970-80. Atualmente faz parte da Velha Guarda da escola.

22 Entrevista com Jorge Bombeiro realizada na Quadra do Salgueiro, na Tijuca, em 12/7/2010.

23 PERELMUTTER, Daisy. *História Oral: limites e possibilidades*. São Paulo. Curso Gestão em Bens Culturais – Escola de Economia / FGV-SP. MBA Bens Culturais: Cultura, Economia e Gestão, 2007.

24 In VISCARDI, Cláudia e DELGADO, Lucília de Almeida. Neves (orgs). *História Oral Teoria, Educação e Sociedade*. Juiz de Fora: UFJ e CAPES, 2006, p. 138.

25 Idem, p. 142.

26 Secretário da redação da Revista Veja e participante constante da cobertura jornalística nos desfiles da Sapucaí, escreveu uma matéria especial para o site da revista, no carnaval de 2010, quando se completaram 20 anos do falecimento da sambista.

27 <http://veja.abril.com.br/blog/passarela/figuracas/nunca-houve-um-destaque-como-isabel>, pesquisado em 16/03/2012.

28 Idem.

29 Idem.

30 Jornal do Brasil, 06/02/64, Capa, Caderno B.

31 Jornal do Brasil, 6/2/64, caderno B, p. 6.

32 Idem.

33 <http://veja.abril.com.br/blog/passarela/figuracas/nunca-houve-um-destaque-como-isabel>, pesquisado em 16/03/2012.

34 Jornal do Brasil, 07/02/64, capa.

- 35 Jornal do Brasil, 07/2/64, p. 13.
36 Idem.
37 Idem.
38 Jornal do Brasil, 8/2/64, p. 5.
39 Idem.
40 Jornal do Brasil, 09/02/64, p.4.
41 <http://veja.abril.com.br/blog/passarela/figuracas/nunca-houve-um-destaque-como-isabel>, pesquisado em 16/03/2012.
42 Jornal do Brasil, 13/2/64, p. 7, caderno B.
43 Jornal do Brasil, 18/2/64, p. 5.
44 <http://veja.abril.com.br/blog/passarela/figuracas/nunca-houve-um-destaque-como-isabel>, pesquisado em 16/03/2012.
45 Idem.
46 <http://veja.abril.com.br/blog/passarela/figuracas/nunca-houve-um-destaque-como-isabel>, pesquisado em 16/03/2012.
47 www.salgueiro.com.br, pesquisado em 15/7/2012.
48 Revista *Manchete* nº 1092 - 27/03/1973.
49 Jornal do Brasil, 04/2/60, p. 4- 2º caderno.
50 Jornal do Brasil, 28/02/63 caderno B p. 6.
⁵¹ Artigo do jornalista Marcelo de Mello, publicado em 06/01/2013, Jornal O Globo, p. 26.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, Hiram. Carnaval – Seis mil anos de História. 2. ed. Rio: Gryphus, 2003.
_____, e JÓRIO, Amaury. *Escolas de Samba em desfile, vida paixão e sorte*. Rio: Guavira, 1969.
AUGRAS, Monique. *O Brasil do Samba-Enredo*. – 1.ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lumiar, 2004.
CANDEIA, Antonio e ARAÚJO, Isnard. *Escola de Samba Árvore que esqueceu a Raiz*. Rio: Lidador/SEEC, 1978.
CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval*. Rio: Civilização Brasileira, 1999.
COSTA, Haroldo. *Salgueiro: Academia do Samba*. Rio de Janeiro: Record, 1984.
_____. *Salgueiro 50 anos de glórias*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
FARIAS, Edson. *O desfile e a Cidade. O carnaval espetáculo carioca*. 1.ed. Rio de Janeiro: e-papers, 2005.
FARIAS, Julio Cezar. *O enredo de escolas de samba*, Rio: Litteris, 2007.
FERREIRA, Felipe. *Escritos Carnavalescos*. Rio: Aeroplano, 2012.
GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo, Cia das Letras, 1987.
MOURA, Roberto. *Carnaval da Redentora a Praça do Apocalipse*. Rio: Jorge Zahar, 1986.
RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da tv*. São Paulo: Record, 2000.
ZALUAR, Alba Maria e SOUZA, Marcos Alvito Pereira (orgs.) *Um século de Favela*, Rio: FGV, 2006.
ZAPPA, Regina e SOTO, Ernesto. *1968 Eles só queriam mudar o mundo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.